

De "dumba-nengue" a "male" ou a legalização do ilegal

N. 17/1/89

Na Beira, chamam-lhes de «tcunga-moio». Em Maputo, são denominados «dumba-nengue» e em Marracuene, designam-se por «dumba-male». Todos localizados em zonas comercialmente nevrálgicas, o seu objectivo é comum: vender, ilegalmente, e por preços proibitivos e especulativos produtos existentes ou não nos circuitos normais de comercialização.

Em Marracuene, estão actualmente localizados em três sítios. Um no local onde antes se formavam as colunas de viaturas que iam em direcção a Manhica. Se bem que as tais colunas já não partem dali, daí que o movimento de vendedores decresceu drasticamente, alguns vendedores permanecem agarrados «à tradição» e, aparentemente, conseguem arranjar ainda uns «cobres». Refrigerantes, cerveja e vinho, nacionais e importados, pão, fritos diversos e outros são os produtos mais frequentes.

O segundo local de venda situa-se na própria vila, junto ao rio e é igualmente local de venda de peixe. O terceiro e último encontra-se na margem oposta do rio Incomati, mesmo junto do batelão. Se os dois primeiros nasceram no tempo de escassez de produtos, o mesmo não se diz deste último que já tem tradição.

Efectivamente, de acordo com informações obtidas localmente, já nos tempos remotos organizavam-se no local, às terças-feiras e sábados, verdadeiras e reais feiras populares, onde populações rurais vindas de zonas mais recônditas — Machubo, Macaneta e Calanqa — vendiam os seus produtos de campo, desde a mandioca, batata-doce, a manga e o amendoim, ao mesmo tempo que se abasteciam de outros produtos necessários.

A tradição mantém-se, os dias também. Somente a heterogeneidade dos Interventientes é que mudou. Efectivamente, ao lado da camponesa de Machubo, com as suas mangas e batata-doce, vemos a mulher tipicamente cidadina, batida e rebatida na condonça, exibindo a sua cerveja, o refrigerante, a manteiga, a sandália plástica e a roupa de «xicalamidade».

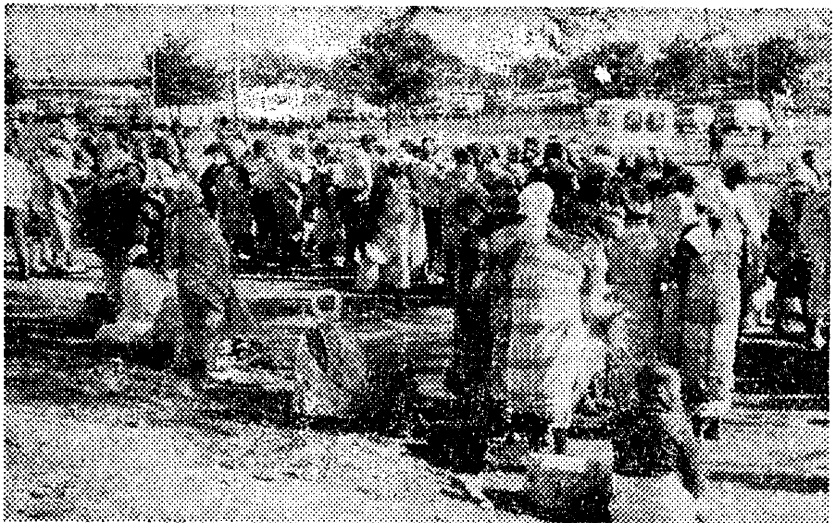
Todavia, porque os «dumba-nengue» de Marracuene têm outra denominação, se bem que as suas características e objectivos não diferem dos restantes.

É que para ser «dumbanengueiro» em Marracuene tem que se pagar uma taxa. O pagamento desta taxa, violentamente contestado por muitos, é para

«Até porque os produtos por eles vendidos, nem eram e nem são produzidos em Marracuene. O distrito não produz nem cerveja, nem refrigerantes e muito menos o azeite de oliveira. Se se exige controlo, este deve ser feito pelos produtos ou distribuidores desses produtos», argumenta Zefanias Mathe.

Acrescentou que tomara que ele tivesse «mercados» como o Vulcano, Mafalala, Praça dos Combatentes, Compose e Ho Ling. Teria menos necessidade de utilizar fundos do Estado para resolver muitos problemas financeiros com que o distrito se debate.

Numa deslocação que a nossa Reportagem fez ao «Mercado do Bate-



«Tomara que eu tivesse mercados como Mafalala»... Zefanias Mathe à nossa Reportagem. Na imagem, do Arquivo, um aspecto de um mercado paralelo dos que pulam pela cidade

o administrador de Marracuene, Zefanias Mathe, em defesa dos interesses do próprio distrito. Continuando a defender esta posição, ele disse que no princípio tinha-se optado por tomar medidas administrativas dispersando pura e simplesmente os vendedores. Porém, como isso não resultou, decidiu-se adoptar medidas económicas.

lão», pôde verificar a afluência de vendedores, embora o fiscal em serviço tenha dito que hoje, o movimento até está fraco. Há dias em que nem dá espaço para passar e as pessoas quase que mergulham no rio.

De acordo com ele a quantia cobrada por cada vendedor é de 500,00 meticais.